
OUTROS CORPOS ESTÃO EM MOVIMENTO, OUTROS CAMPOS AMPLIAM AS DISPUTAS

Valter Filé^(*)
Anelice Ribetto^(**)

RESUMO

O texto aborda os chamados novos movimentos sociais e tenta levantar algumas questões que ainda não podem ser completamente compreendidas. Dos movimentos sociais parte para os movimentos culturais, fundamentalmente aqueles que são produzidos pelos jovens das periferias urbanas. Levanta alguns aspectos dessa produção e da complexa relação destes jovens com a política e com os sentidos mais tradicionais de "movimento social" e as suas cumplicidades com as tecnologias da informação e da comunicação (tics). Apresenta, como materialização destas iniciativas, o Movimento Enraizados, de Morro Agudo, Nova Iguaçu. Finaliza tentando levantar – e não responder – algumas outras questões para a educação, para as práticas pedagógicas, para a escola.

Palavras-chave: movimentos sociais, tics, educação, conexões culturais.

Não há nada pior do que aqueles que querem fazer o bem, em particular o bem para os outros. E o mesmo se aplica àqueles que "pensam o bem". Eles têm a irremediável tendência para pensar para e em lugar dos outros. Encapotados pelas suas certezas, a dúvida não os aflora. Desde logo, a vida, na sua complexidade, escapa-lhes. Em si a coisa tem pouca importância, a não ser que tendo-se erigindo como detentores legítimos da palavra, esses provedores de lições decretam o que "deve ser" a sociedade e o indivíduo.

Michel Maffesoli

...DE COMO COMEÇAR O ASSUNTO...

Os movimentos sociais são como sirenes, não avisam somente as catástrofes. Avisam, que para uns, é preciso procurar abrigo. Avisam que alguma coisa não vai bem e que algumas transformações irão acontecer, por bem ou por mal. Sinais que nós educadores necessitamos para compreender as ondas que certamente, de alguma forma, já estão na escola, pois sempre temos em nossos espaçostempos educativos alguma sonoridade, algumas notas que compõem a partitura dos sons que vêm da rua.

A proposta deste texto não é a de passar os movimentos sociais em revista, nem oferecer subsídios históricos ou teórico-metodológicos de algum autor, campo ou disciplina. Pretendemos,

^(*)Professor adjunto do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRRJ) – Campus Nova Iguaçu. Membro do Grupo de pesquisa Educação, Sociedade do Conhecimento e Conexões Culturais. Contato: valterfile@gmail.com.

^(**) Professora adjunta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro do Grupo de pesquisa Educação, Sociedade do Conhecimento e Conexões Culturais. Contato: anelatina@gmail.com.

se muito, reunir alguns retalhos dos muitos tecidos de nossas trajetórias na relação com o fazer e com o pensar os movimentos sociais e culturais. Não pretendemos que este texto seja considerado pela verdade que veicula. Oferecemos, sim, um esforço para ampliar as condições de pensarmos a educação e as questões que lhe implicam e que vêm das movimentações da sociedade.

Na primeira parte, juntamos alguns cacos que sobram de discursos, de estudos – inclusive dos nossos – sobre os movimentos sociais: aspectos que ainda desafiam a nossa compreensão.

Na outra parte, convocamos alguns aspectos dos chamados novos movimentos culturais para, em seguida, apresentar o Movimento Enraizados, grupo que se articula a partir do *hip-hop* de Morro Agudo, Nova Iguaçu, para vários cantos, onde a vista não alcança e até onde a internet chega.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Como movimentos sociais entendemos os processos de luta característicos da "sociedade civil", ou seja, de tudo aquilo que não é o Estado. Dalton e Kuechle definem os movimentos sociais como a luta de “um setor significativo da população que desenvolve e define interesses incompatíveis com a ordem política e social existente e que os persegue por vias não institucionalizadas, invocando o uso da força física ou da coerção” (2009, p. 177).

As lutas sociais, grosso modo, vêm dos movimentos de trabalhadores. Lutas que foram inspiradas pela convocatória do marxismo, a partir do *Manifesto comunista*: “Trabalhadores do mundo, uni-vos!”.

Os chamados novos movimentos sociais (NMS) representam uma ampliação do campo de lutas, ao invés de ser a substituição da luta operária e dos interesses de classe. O que passa é que, nessa ampliação do campo de lutas, ocorre uma proliferação de reivindicações. Isso redefine os pontos nodais por onde, até então, qualquer luta política deve passar. Essas novas reivindicações estão ligadas à identificação de formas de opressão que operam fora da esfera estritamente econômica ou literalmente política.

Em nosso país, e em muitos outros da América Latina, foram as dificuldades de participação política durante a ditadura militar que teriam favorecido a expansão dos NMS. No caso mais específico a ser tratado por este texto, o da Baixada Fluminense, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, alguns movimentos surgiram com força. Só para exemplificar, sem a pretensão de aprofundamento: as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) como movimentos que partiam desde a igreja católica criando uma série de frentes, enfrentando temas como a luta pela

terra; a questão sindical; a questão dos negros na sociedade; e tanto mais. A igreja foi fundamental para a criação do movimento amigos de bairro (MAB) que atuou com muita força nos anos de 1980 nas reivindicações dos moradores de uma região sem transportes públicos adequados, sem serviços de saúde, sem escolas em número suficiente e de qualidade, sem saneamento básico, etc.

Mas, qual continua sendo a maior dificuldade de se pensar algo que de saída enuncia-se como “movimento”? Certamente que os modelos hegemônicos que orientavam, não só as pesquisas acadêmicas, mas, também, muitas lideranças e militantes desses movimentos, encontravam cada vez mais dificuldades de fazerem coincidir os modelos preestabelecidos com aquela massa que participava desses e de outros movimentos. Talvez, uma das dificuldades seja a de se pensar os movimentos como processos que estão subordinados, também, às complexidades do cotidiano e não apenas ao mapa, ao percurso previamente estipulado pelas diferentes fases do capitalismo, apontadas desde uma generalidade, desde outros tempos e espaços. Dificuldades, portanto, de percebermos os avanços e os recuos, as continuidades e as discontinuidades como parte de um movimento mais amplo. Também, pela aglutinação, a fixação de suas variantes, tanto temáticas, metodológicas, ideológicas, quanto das complexas alterações que precisam fazer os fluxos e refluxos frente às circunstâncias, aos desafios e as possibilidades que mudam a cada momento, sob uma generalização.

Assim, esses movimentos sociais vivem um “mal-estar” (algumas vezes velado, noutras que explode de diferentes formas) que pode ser resumido – mas não reduzido – da seguinte forma: o grosso da população é “mobilizada” com o aceno de que as suas necessidades mais básicas não podem ser postergadas, por isso devem lutar. Muitas das vezes, porém, suas necessidades urgentes são incompatíveis, não apenas com a ordem política e social vigente, senão, também, com outros interesses que, por vezes, transformavam a força gerada pela mobilização das pessoas em poder de barganha, de confrontação, de embates por reposicionamentos políticos numa determinada geografia (não tão explícita para todos), de base de cálculo de uma estratégia de luta a longo prazo. Os interesses das pessoas passam a parecer que são, apenas, etapas de um projeto maior. Esse embate lida, também, com os diferentes sentidos e maneiras de poder viver a vida. O que para uma pessoa sem recursos econômico ou financeiro (e outros) é o limite da condição humana, para algumas “lideranças”, que têm outras perspectivas, outros recursos e outras condições de vida, as grandes teses socialistas, as grandes estratégias e processos de chegada ao poder exigem muito mais tempo e sacrifício. As lideranças dos movimentos precisam de tempo. Tempo que para os outros, talvez não exista. Muitas vezes, então, os discursos militantes convocam essa urgência, mas a negam como urgência de uma necessidade imediata. Essa falta de tempo pode, muitas vezes, ser

considerada como “falta de consciência política”, atribuindo-se a essas pessoas com interesses “mais imediatistas” uma qualidade inferior de “consciência” ou mesmo identificando-as, de forma simplista, como pessoas “alienadas”.

Concordamos com Alvarez, Dagnino e Escobar, que esses NMS “atuam na interface entre cultura e política”, contestando culturalmente noções específicas da política e do político, obrigando a “repensar as dimensões culturais do político” e a refletir sobre as “dimensões políticas da cultura” (2000, p. 11, grifos dos autores). Ao lado das “novas formas de fazer política”, os novos movimentos sociais promoveriam “formas novas de sociabilidade” e, sobretudo, utilizariam os temas da identidade e da cultura “como meio de mobilizar ou engajar participantes” e como base para suas reivindicações (p. 22-23).

A chamada redemocratização tendeu a reconduzi-los à política partidária e de estado – e algumas vezes que defendiam esses movimentos logo passaram a sustentar que, em uma democracia, os partidos eram, e ainda são, os únicos canais legítimos de participação política. Por outro lado, pessoas e organizações que “assessoravam” os novos movimentos acabaram se convertendo em organizações autônomas – as organizações não governamentais, ou ONGs – que, de acordo com seu próprio ponto de vista, deviam superar as deficiências organizacionais dos novos movimentos sociais, em primeiro lugar, a sua falta de articulação e seu caráter excessivamente descentralizado. Além disso, nos anos 1990, foi reforçada uma tendência para que a noção de “cultura” – que durante muito tempo tendeu a ser encarada ou como obstáculo ou como simples meio para ações tidas como mais fundamentais – passou a ocupar o centro de discursos e práticas de um sem número de grupos, o que nos levou a sugerir a designação de “novos movimentos culturais” para essa modulação sofrida pelos novos movimentos sociais. Ratificamos que não se trata de ventilar nenhum tipo de visão evolucionista, supondo uma passagem linear dos velhos movimentos sociais aos novíssimos movimentos culturais por meio dos novos movimentos sociais.

NOVOS DESAFIOS

Compreender os movimentos sociais sempre foi uma tarefa difícil. Concordando com Gohn, algumas questões sobre o tema ainda insistem em nos desafiar: “1) o próprio conceito de movimento social: afinal o que são esses movimentos?; 2) o que os qualificam como novos?; 3) o que os distinguem de outras ações coletivas ou de algumas organizações sociais como as ONGs?” (2007, p. 11).

Nossas indagações se ampliam quando entram em cena os jovens, mais radicalmente os que vivem nas periferias – periferias em todos os sentidos – e tudo o que eles têm gerado quando associam suas dificuldades, suas perplexidades, suas manifestações culturais e artísticas às tecnologias da informação, mesmo que muitos desses jovens (e suas produções) sejam vistas com desconfiança, por não coincidirem com aquilo que pode ser definido como “movimento” capaz de empreender de fato uma luta política efetiva, na visão mais tradicional de “movimento” e de “luta política”. Sem falar que esses jovens aliam-se a outros por interesses que não surgem de uma avaliação ideológica ou partidária. Juntam-se por identificação com os problemas comuns, com as linguagens, com as práticas e as possibilidades de expressão e de compartilhamento de sentidos. Jovens que poderiam ser considerados “passivos”, “apáticos” e “despolitizados” em determinados contextos e para determinadas expectativas. Segundo Prysthon (2002, p. 7), esses jovens são os responsáveis por algumas das mudanças mais radicais da cultura contemporânea (desde a época da contracultura, diga-se de passagem): a partir de movimentos culturais, especialmente da música, oriundos da periferia, jovens das classes menos favorecidas passam a ter voz num tipo de participação política completamente distinta daquela dos anos 1960, por exemplo. Esse aspecto pode ser facilmente encontrado no *hip-hop*, movimento artístico surgido nos guetos nova-iorquinos na década de 1970, que agrega música (I), dança (I) e artes-visuais (*graffiti*) como uma forma de vivenciar e retratar, especialmente nas letras de suas músicas, a realidade da periferia, sem esquecer, porém, da crítica ao sistema social excludente a que estamos submetidos. Dessa forma, a cultura já não pode mais ser reduzida a categorias estéticas e passa a ser um canal de expressão política e social. Podemos, ainda, pensar sobre esse fenômeno que vem das periferias, das favelas, dos lugares muitas vezes abandonados à própria sorte pelo estado e mapeado como lugar das “faltas”, pois justamente nesses lugares surgem sofisticadas respostas para o enfrentamento de tais situações. Respostas que vão desde a reelaboração simbólica, como no caso do movimento Manguebit, que ousou acolher símbolos importantes, mas desqualificados da cidade de Recife, para reinventá-los como conceituação potencial. Convocaram assim a “lama”, os “urubus” e os “caranguejos”, enfim, sugeriram uma reelaboração de todo sofrimento de morar na zona do mangue da periferia de Recife, todo o sofrimento da cidade:

“Tô enfiado na lama
É um bairro sujo
Onde os urubus têm casas
E eu não tenho asas
Mas estou aqui em minha casa
Onde os urubus têm asas

Eu vou pintando, segurando as paredes
No mangue do meu quintal e manguetown”

(Chico e Maia. *Dengueafroberdélia*, Sony Music. Chico Science e Nação Zumbi, 1996).

Lama, urubus, caranguejos não são mais apenas aquilo que estão destinados a ser, na paisagem de uma zona pobre do Nordeste. São alegorias de uma arte visceral onde a estética é convocatória para a atuação em diversos lugares, de diferentes expressões e modos de vida. É o que os leva para o mundo e o que faz com que o mundo chegue até eles, de outras maneiras. A lama, o caos, o tradicional, o digital tudo junto virando outra coisa, no mangue. “Um satélite de ideias” que pretendia “fincar uma parabólica no mangue e mostrar a cara do Brasil”, dizia o manifesto do movimento. Os jovens alimentam-se do mangue como ecossistema, simbolizando fertilidade, diversidade e riqueza. Recife seria a Manguetown com todos os problemas de uma cidade que cresceu desordenada e aterrou seus manguezais. O movimento surge como uma proposta de “conectar as boas vibrações do mangue com a rede mundial de circulação de conceitos pop”. (publicado no encarte do primeiro CD de Chico Science & Nação Zumbi).

ANTES, O MUNDO ERA GRANDE...

*Antes longe era distante
Perto só quando dava
Quando muito ali defronte
E o horizonte acabava
Hoje lá trás dos montes
dendê em casa camará*

Giberto Gil. *Parabolicamará*.

Voltamos com a parabólica como símbolo das possibilidades de aumento e diversificação dos “ingredientes” simbólicos que colocamos no “liquidificador” para “batermos” aquilo que nos alimenta. As coisas do mundo, das culturas e não só no sentido de uma globalização entendida como processo de homogeneização, de capitulação cultural, econômica e política das periferias em detrimento dos interesses, dos empreendimentos dos grandes centros. É o sentido do encurtamento das distâncias.

Pensando num possível campo de lutas em que estiveram envolvidos os mais jovens das periferias até pelo menos a metade da década de 1990, por exemplo, o que estava em jogo aí? O mundo havia ficado pequeno, pois podíamos receber as mensagens de todos os cantos. As mensagens, as imagens, os sons, as notícias, as produções chegavam, mas esses atores de “segunda categoria” nunca viajavam nelas. O que estava em jogo talvez possa ser traduzido pelo conceito de comunicação e pelas condições materiais e de distribuição de suas produções.

Como comunicação, os “grandes centros” (entendidos aqui como os “espaços” de geração de influência, de regulamentação, de seleção e de reprodução da cultura hegemônica das grandes mídias) têm entendido o investimento em mensagens a serem consumidas e naturalizadas como sendo “a” representação do que se diz e se pode dizer. Enfim, se reduz a comunicação à mídia. Mas, a comunicação vai além da técnica e enfatiza valores e investimentos emocionais que ultrapassam amplamente a troca de signos ou de informações no sentido utilitário do termo, mesmo que tenhamos em consideração a importância da mídia na produção das subjetividades. Assim, responder à questão “o que é a comunicação?”, como faz Maffesoli, significa apostar numa leitura global de uma época fragmentada e marcada por tudo quanto é tipo de contato e de relações. Este é um mundo no qual tudo se toca, cruza, mistura, liga, confunde e faz fronteira. Mesmo os antagonismos podem ser complementares. Comunicar implica ir ao encontro do outro, sair de si, buscar a interface, atuar na zona de interação, de embate pelos sentidos e os sem sentidos de se estar vivo.

Sendo os “espaços públicos” regulados pela informação desertificante e vigiados por uma determinada ordem do discurso (Foucault, 1998), restava aos produtores culturais das “periferias” (geográficas e simbólicas) uma produção de alcance local para os mais próximos criando um circuito marginal que não conseguia sair de sua “autocircunscrição”.

Os anos 1990 e o início dos 2000 colocam outros elementos em jogo: as tecnologias digitais e o espaço virtual da internet. Apesar de todos os problemas, a população que estava fora do eixo físico acessa e participa da criação de outras vias, outras formas de comunicação, de expressão e de produção de conhecimento. A ideia de dependência das luzes das cidades-centros, que tinham uma importância pela sua geografia, são repensadas. Começam a se fortalecer e criar outras redes, outros padrões de contato e de criação coletiva, de mobilização de difícil descrição e controle.

Estas possibilidades oferecidas pelas tecnologias da informação e da comunicação (tics) vão incidir decisivamente sobre as práticas comunicativas e a ampliação dos “espaços” de encontros, de compartilhamento e de produção de outros arranjos simbólicos. A cidade agora é outra. A produção e circulação de produtos simbólicos, e toda a movimentação e reverberação disto, não é mais monopólio apenas de uma classe social e de seus recursos exclusivos. Diz Ângela Prysthon:

A força centrífuga da pós-modernidade começa a relativizar a importância das grandes metrópoles mundiais em termos de disseminação das informações. O que antes era quase um sistema de oposições – campo/cidade; provinciano/cosmopolita; barbárie/civilização; caos/ordem –, torna-se uma rede de múltiplas interdependências,

confluências e novos parâmetros. É curioso atentar que é justamente a cidade que se torna o território intersticial onde se encadeiam, intercalam-se e se confrontam tais oposições. Ao invés de ser apenas mais um elemento do binarismo oposicional, a cidade passa a ser, em sua essência, um processo dialético dos embates pós-modernos (*op. cit.*, p. 2).

Paul Virilo (1991, p. 11) continua: “a representação da cidade contemporânea, portanto, não é mais determinada pelo cerimonial da abertura de portas, o ritual das procissões, dos desfiles, a fileira das ruas, das avenidas; a arquitetura urbana deve, daqui por diante, compor-se com a abertura de um espaço-tempo tecnológico”. E este espaço-tempo tecnológico será decisivo nos processos comunicativos.

Assim, a importância que a comunicação e difusão adquiriram nas periferias é ilustrada pela multiplicação das rádios e jornais comunitários, a criação de programas de televisão, produtoras, selos e gravadoras independentes, sites, revistas e fanzines. A difusão dos discursos e das práticas dos grupos culturais construiu uma articulação política, que possibilitou a tomada de consciência da periferia urbana dos seus problemas, e transformou a cultura num instrumento de comunicação e transformação social. Aqui entra o Movimento Enraizados.

ENRAIZADOS A PARTIR DE MORRO AGUDO

Enraizados em Morro Agudo – mas, como diria o compositor e produtor cultural Roberto Lara, só quem mora lá sabe como o morro é grave! –, bairro de Nova Iguaçu, esquina com a conexão Rio-São Paulo. Beira da Dutra, perto da Europa, longe dos que nem desconfiam do que se passa ali.

Sem compromisso de fazer uma descrição completa ou um inventário do Enraizados, queremos contar algumas coisas que nos chamam a atenção e que nos provocam. Uma história contada por Dudu de Morro Agudo – o DMA, fundador do movimento: “o plebeu que nasceu longe do Catete”, como ele se define num de seus *raps*.

Conta que, em 1999, inicia um movimento que mudaria sua vida. Fascinado com o mundo do *hip-hop*, com as conexões que fazia com a sua vida e com a vida das pessoas do seu lugar, procurava com frequência informações sobre o assunto. Aos poucos começou a fazer algumas letras e a inserir-se mais no movimento. Um dia, escreve e envia três cartas (por correio tradicional) para três *rappers*: um de São Paulo, um da Paraíba e outro do Piauí convidando-os a participarem do movimento Enraizados. Um movimento fictício, que ele sugeria nas cartas estar mobilizando com muitos outros jovens negros e *rappers* de vários lados.

Das três cartas, ele recebeu setenta respostas, pois os *rappers* se encarregaram de transformar as cartas iniciais numa espécie de corrente. Replicaram para outros *rappers* que começaram a se interessar pelo “movimento” criado por Dudu. As respostas o incentivaram a implementar uma série de ações, como ampliar as reuniões de amigos, de *rappers*.

Em 2003, cria o Portal Enraizados, e o Movimento Enraizados já estava presente em todo o país. O coletivo inseriu-se em diversos circuitos para atuar na discussão de políticas públicas para a juventude, cultura, educação e relações raciais junto com organizações de outras partes do Brasil. Dudu do Morro Agudo, junto com Luiz Carlos Dumontt, trabalham e vivem da ação da Rede Enraizados. “O diferencial é que hoje há uma integração internacional. Há uma conexão de outras periferias através das novas tecnologias”, avalia Dumontt.

Esse é um ponto importante. Das cartas tradicionais às redes informacionais. Do alcance local à articulação e mobilização regional, nacional e internacional.

A Baixada Fluminense sempre teve uma intensa movimentação cultural, mas que ficava restrita, como já apontado, quase somente ao alcance dos olhos e dos ouvidos dos amigos, dos conhecidos ou curiosos pesquisadores. Mas também parece não ser verdade que bastou a internet para que os movimentos se enredassem pelo mundo, que se espraiassem pelas redes estabelecendo outras conexões. Há algo mais. O que será? Com essa forte influência do *hip-hop* não se deve estranhar tantos *rappers* e grafiteiros nos coletivos periféricos. O *rap* do brasiliense GOG faz parte desse movimento periférico, ele acaba de lançar o CD e o DVD “Cartão Postal Bomba”. Para GOG, o surgimento de vários coletivos artísticos está acontecendo no mundo inteiro. “No Brasil não é diferente: Mocambo, Ribeirinho, Só Balanço, Blackitude, Hip Hop da Floresta, Quilombo Urbano, entre vários outros coletivos, espalhados por nosso território trabalham com o pressuposto de falar e propagar suas experiências locais, sua cultura.

São muitos projetos, muitas parcerias. Eles circulam entre as diferentes camadas da população e estabelecem muitos *links* com o poder público, a iniciativa privada, as universidades, etc. Atuam na comunidade com cursos, eventos culturais e ajudam a criar um novo capital social e cultural para as suas regiões, e oferecem outras referências para seus moradores, não apenas aquelas que tratam de descasos, de violência e degradação.

O Movimento Enraizados está no seu bairro e não está só ali. Age na articulação entre o local e o global. Integra práticas políticas baseadas em referências mais tradicionais, mas pode desintegrar resistências que tendem a interromper o potencial do fluxo dos acontecimentos por narrativas do já sabido, pelas grandes verdades, pelas grandes narrativas.

O QUE TUDO ISSO IMPORTA PARA A EDUCAÇÃO?

Aqui seria o lugar para fazermos as “transferências” mais óbvias, darmos lições e, quem sabe, até as chamadas “transposições didáticas”. Não será nestas atividades que vamos colocar nosso esforço. Vamos tentar trabalhar sobre o que fizemos com o que nos mobilizou: os movimentos sociais e as questões que se assomam nos novos movimentos culturais, principalmente aqueles produzidos por jovens da periferia urbana, em sua maioria negros.

Podemos oferecer algumas interrogações: de que maneira os deslocamentos, as descentralizações – geográficas, simbólicas e epistemológicas – vividas por tantos grupos poderiam alimentar outras possibilidades para/na educação? Será que a escola teria esse papel de “um grande centro” de regulação e de validação da cultura, dos conhecimentos? Se assumimos que ela desempenha esse papel na grande configuração capitalista, como reconhecer os movimentos que frequentam nossas salas de aula, e que muitas das vezes são enquadrados como hiperativos, como pessoas com déficit de atenção ou qualquer outro nome da moda?

Pensando um pouco a partir das referências da cultura digital, a escola poderia ser pensada como uma rede social, inserida em e entre outras tantas, como os novos movimentos culturais. Talvez a ideia de pensar a escola como uma rede social nos permita pensar as pessoas que articulam as redes a partir de desejos, necessidades e/ou interesses comuns.

Quais seriam os interesses, desejos e necessidades que comungamos numa sala de aula?

As redes sociais da internet mobilizam saberes e fazeres de cada um dos seus membros. Estes saberes e fazeres de cada membro amplificam as condições de possibilidade de todos os componentes da rede. A isto podemos chamar de comunicação, que é o processo mais fundamental do ser humano e que implica na sua capacidade de dizer ao mundo, de aparecer ao mundo, pois só assim cada um aparece a si mesmo, como diria Hanna Arendt (2005).

É da interação com outros que cada um consegue viver em sociedade e enfrentar as condições de assujeitamento a que nos submetem a cada dia as práticas de inculcação de verdades que chegam com as informações que, muitas vezes, funcionam como epistemicídios. O que será que está em jogo hoje nas práticas pedagógicas e como podemos confrontá-las com estas movimentações da sociedade que nos alcançam?

Jesus Martin-Barbero nos ajuda a pensar sobre a comunicação, a educação e estes desafios. Segundo o autor,

o desordenamento dos saberes e as mudanças nos modos de narrar estão produzindo as rachaduras dos moldes escolares da sensibilidade, a reflexividade e a criatividade,

colocando no em um lugar estratégico a ampliação dos modos de sentir e de pensar, assim como a articulação entre lógica e a intuição. Não há senão uma imaginação humana que formula e inventa a participação, mobilizando e renovando o capital social: essa taxa de confiança e reciprocidade sem o que a sociedade se desfaz. Trama que se sustenta nos paradoxos da gratuidade que, segundo Marcel Mauss, formam a chave do intercâmbio em que se constitui o social e na impossibilidade, insistentemente plantada por Walter Benjamin, de que o sentido chegue a ser substituído pelo valor. Se comunicar é compartilhar a significação, participar é compartilhar a ação. A educação seria, então, o decisivo lugar desta encruzilhada. Porém, essa encruzilhada deverá converter-se no espaço de conversação dos saberes e as narrativas que configuram as oralidades, as literalidades e as visualidades. Pois desde as mestiçagens que entre elas se tramam é de onde se vislumbra e expressa, toma forma o futuro (2002, p. 1).

Apostamos nas possibilidades de podermos nos articular em redes, em movimentos, presenciais ou não, mas potencializados pelo que compartilhamos e esperamos que seja a educação, principalmente a educação pública e as pessoas que interagem nos espaços escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, Sônia E.; DAGINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. *Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000;
- ARENDT, Hannah. *A condição Humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2005.
- DALTON, Russel y KUECHLER, M. Challenging. *Apud*: SANTO, Boaventura de Souza. *Los Nuevos Movimientos Sociales*. Extraído do site <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/>.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura F. A. Sampaio. Campinas: Loyola, 1998a;
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais*; paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 2007;
- MARTIN-BARBERO, Jesus. La educación desde la comunicación. Disp.: <http://www.eduteka.org/pdfdir/SaberNarrar.pdf>. Acesso: 21/12/2009.
- PRYSTHON, Ângela. Negociações na periferia: mídia e jovens no Recife. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador/BA. 01 a 05 set. 2002. CDron.
- VIRILIO, Paul. A cidade superexposta. *Espaços e Debates*, 33, 1991.

OTHER BODIES ARE MOVING, OTHER FIELDS AMPLIFY THE CONTENTION

ABSTRACT

The text deals with the so-called new social movements and tries to raise some questions not yet fully understood. From social movements, it proceeds to cultural movements, fundamentally those produced by urban periphery youth. It raises some aspects of its production and the complex relationship of this youth with politics and the more traditional senses of "social movement" and their complicities with information and communication technologies (icts). It shows, as a materialization of these initiatives, the *Movimento Enraizados* (Rooted Movement) from Monte Agudo, Nova Iguaçu. Finally, it tries to raise – and respond – some other educational and pedagogical practices questions for the school.

Keywords: social movements, icts, education, cultural connections

Recebido e aprovado em abril de 2011